

TRÊS SÍTIOS COM ARTE RUPESTRE NO AMAPÁ, BRASIL

Edithe Pereira*

As informações sobre a existência de sítios com arte rupestre no Amapá são poucas. Na bibliografia publicada sobre este estado, encontrei apenas duas informações, uma registrada por Aureliano Lima Guedes (1898) e a outra por Simões e Araújo Costa (1978).

A mais antiga delas, datada de 1896, refere-se a um lugar conhecido como **Buracão**, e foi visitado por Aureliano Lima Guedes (1898: 46) durante a viagem que fez aos rios Maracá e Anauera-pucú. Lima Guedes informa que neste lugar,

Em uma pequena gruta em forma de salão completamente aberto de um lado e tendo como fundo uma secção de lages talhadas verticalmente, vê-se n' esta parede uma figura pintada a dedo pelos índios que naturalmente segundo penso, queriam experimentar suas tintas preparadas com protoxido de ferro que se acha em algumas pedras n' estes lugares.

Um pouco adiante, n' este mesmo salão vê-se um buraco produzido n' uma pedra, tendo a forma interna de um gral parecendo ter sido feito pelo uso continuo de ali os índios moerem fragmentos de pedra para a extração da mesma tinta. Não posso furtar ao desejo de apresentar aqui uma cópia de tal figura para maior elucidação. Esta figura tem cerca de 80 centímetros de altura e falta-lhe a perna esquerda que não aparece por se ter desagregado fragmentos de pedra onde estava ella pintada.

Apesar de Lima Guedes expressar o desejo de apresentar uma cópia da figura pintada, esta não aparece no seu artigo acima referido. Tal pintura é reproduzida em uma das estampas que Emílio Goeldi pretendia divulgar em um livro que não chegou a ser publicado (Hagmann s/d) (Fig. 1).

A outra informação sobre arte rupestre no Amapá foi publicada por Simões e Araújo Costa (1978:68), com base nas informações de Willians C. Farabee. Trata-se de um abrigo-sob-rocha com pinturas rupestres, localizado na região do Igarapé do Lago, no rio Maracá.

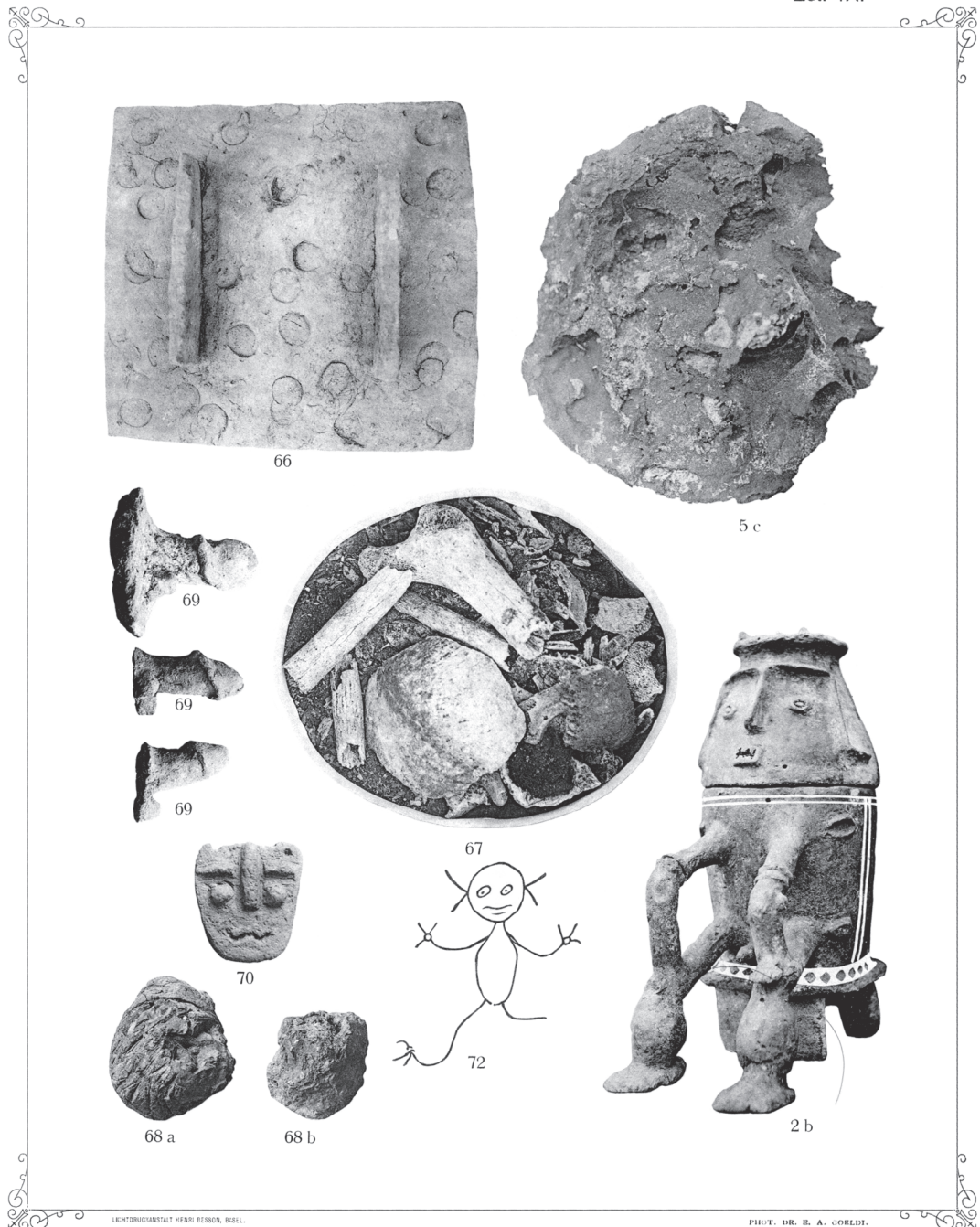
Pode-se afirmar com base nas publicações acima mencionadas e em relatórios técnicos ainda inéditos que, até o presente, foram registrados três sítios com arte rupestre no Amapá. Os três sítios conhecidos são: **Abrigo do Tracuá**, registrado por Chmyz e Sganzerla (1991); **Gruta do Buracão do Laranjal**, registrado por Hilbert e Barreto (1988); e **Pedra do Índio**, registrado por Pereira (2001) (Fig. 2). Destes, os dois primeiros encontram-se localizados no município de Mazagão, no sul do Amapá, nas proximidades da Serra do Laranjal. A vegetação nessa área é caracterizada como sendo uma área intermediária onde se misturam regiões fitoecológicas de savana e de floresta ombrófila (Projeto Zoneamento 1990). O sítio **Pedra do Índio** está localizado no município de Ferreira Gomes, cerca de 100 km ao norte de Macapá. A vegetação nessa área é de savana, caracterizada por "formações campestres onde, com vegetação gramíneo-lenhosa baixa, se alternam às vezes pequenas árvores isoladas e galerias florestais ao longo dos rios." (*id ibid*).

Abrigo do Tracuá

Em 1991, Igor Chmyz e Eliane Maria Sganzerla percorreram a área que seria afetada pela construção de um trecho na rodovia BR-156 (trecho rio Preto – Laranjal do Jari) com objetivo de realizar o levantamento do patrimônio arqueológico existente nessa área e que comporia o Estudo de Impacto Ambiental dessa rodovia. Entre os dez sítios arqueológicos registrados, apenas um apresentava arte rupestre. Denominado de Abrigo do Tracuá, o sítio encontra-se localizado a cerca de 500 metros da rodovia BR-156, em um extenso afloramento

(*) Museu Paraense Emílio Goeldi.
edithe@museu-goeldi.br

Est. IX.



Cerâmica de Índios extintos nos rios Maracá e Anauerá-pucú (Guyana)

Fig. 1 – Reprodução da estampa IX (Hagmann s/d) onde a figura 72 corresponde à pintura rupestre observada por Aureliano Lima Guedes no lugar conhecido como Buracão.

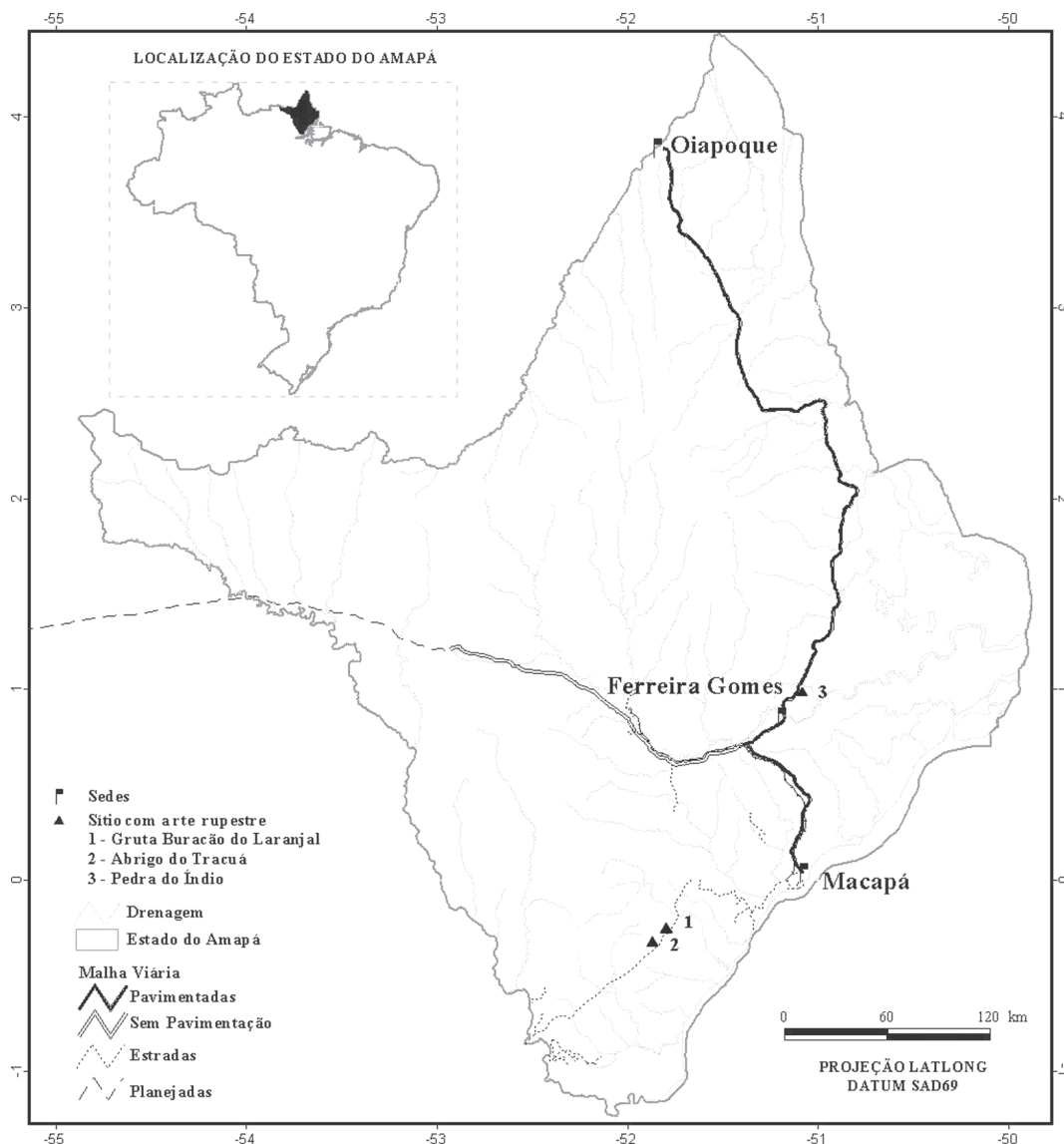


Fig. 2 – Localização dos sítios com arte rupestre no Amapá.

arenítico com paredões e diversos abrigos muitos dos quais com condições favoráveis a habitação.

Chmyz e Sganzerla (1991: 24) informam ainda que as pinturas rupestres estão localizadas nas paredes e teto de vários desses abrigos. O abrigo do Tracua corresponde a um desses locais. Este abrigo mede 16 metros de comprimento por 3 metros de largura e 2,30 metros de altura máxima do teto em relação ao piso atual. No seu interior raros fragmen-

tos de cerâmica foram encontrados em superfície e em sub-superfície. Um fragmento de hematita com marcas de uso e com a mesma tonalidade das pinturas também foi encontrado nesse abrigo.

As pinturas rupestres são vermelhas e foram executadas com os dedos. Elas representam dois antropomorfos (sendo um completo e o outro apenas a cabeça), um círculo concêntrico e três traços cheios (Fig. 3).

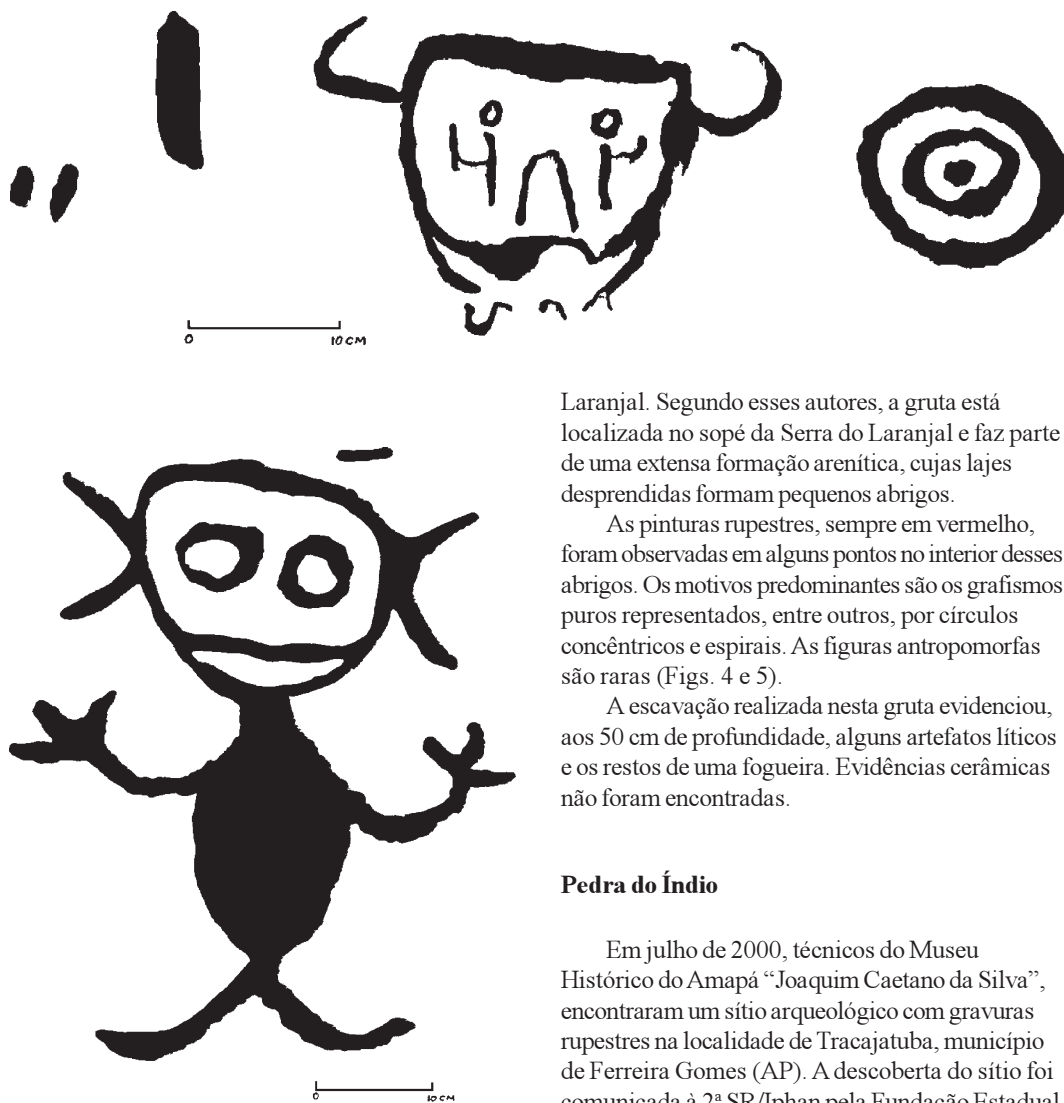


Fig. 3 – Decalque feito por Chmyz e Sganzerla (1991) para as pinturas do Abrigo do Tracuí.

Gruta do Buracão do Laranjal

Em 1988, Klaus Hilbert e Mauro Barreto percorreram a região do rio Maracá (sul do Amapá) com o objetivo de identificar evidências da presença de grupos caçadores-coletores de um horizonte pré-cerâmico. Entre os nove sítios registrados, um apresentava pinturas rupestres. Trata-se do sítio AP-MZ-17: Gruta do Buracão do

Laranjal. Segundo esses autores, a gruta está localizada no sopé da Serra do Laranjal e faz parte de uma extensa formação arenítica, cujas lajes desprendidas formam pequenos abrigos.

As pinturas rupestres, sempre em vermelho, foram observadas em alguns pontos no interior desses abrigos. Os motivos predominantes são os grafismos puros representados, entre outros, por círculos concêntricos e espirais. As figuras antropomorfas são raras (Figs. 4 e 5).

A escavação realizada nesta gruta evidenciou, aos 50 cm de profundidade, alguns artefatos líticos e os restos de uma fogueira. Evidências cerâmicas não foram encontradas.

Pedra do Índio

Em julho de 2000, técnicos do Museu Histórico do Amapá “Joaquim Caetano da Silva”, encontraram um sítio arqueológico com gravuras rupestres na localidade de Tracajatuba, município de Ferreira Gomes (AP). A descoberta do sítio foi comunicada à 2ª SR/Ipahan pela Fundação Estadual de Cultura do Amapá (Fundecap) que solicitou ainda a avaliação técnica de um arqueólogo sobre tal descoberta. Atendendo à solicitação da então superintendente da 2ª SR/IPHAN, Sra. Elizabeth Nelo Soares, visitei, em novembro de 2000, o sítio Pedra do Índio, com o objetivo de proceder a avaliação solicitada pela Fundecap.

Este sítio está localizado em terreno de propriedade do Sr. João Álvares Rocha Rodrigues, conhecido como “seu” Divino. O acesso ao sítio é feito através da BR-156 que liga Macapá à cidade do Oiapoque.

O sítio Pedra do Índio apresenta um conjunto de gravuras rupestres dispersas em um matacão e em um extenso lajeiro arenítico. Os temas observa-

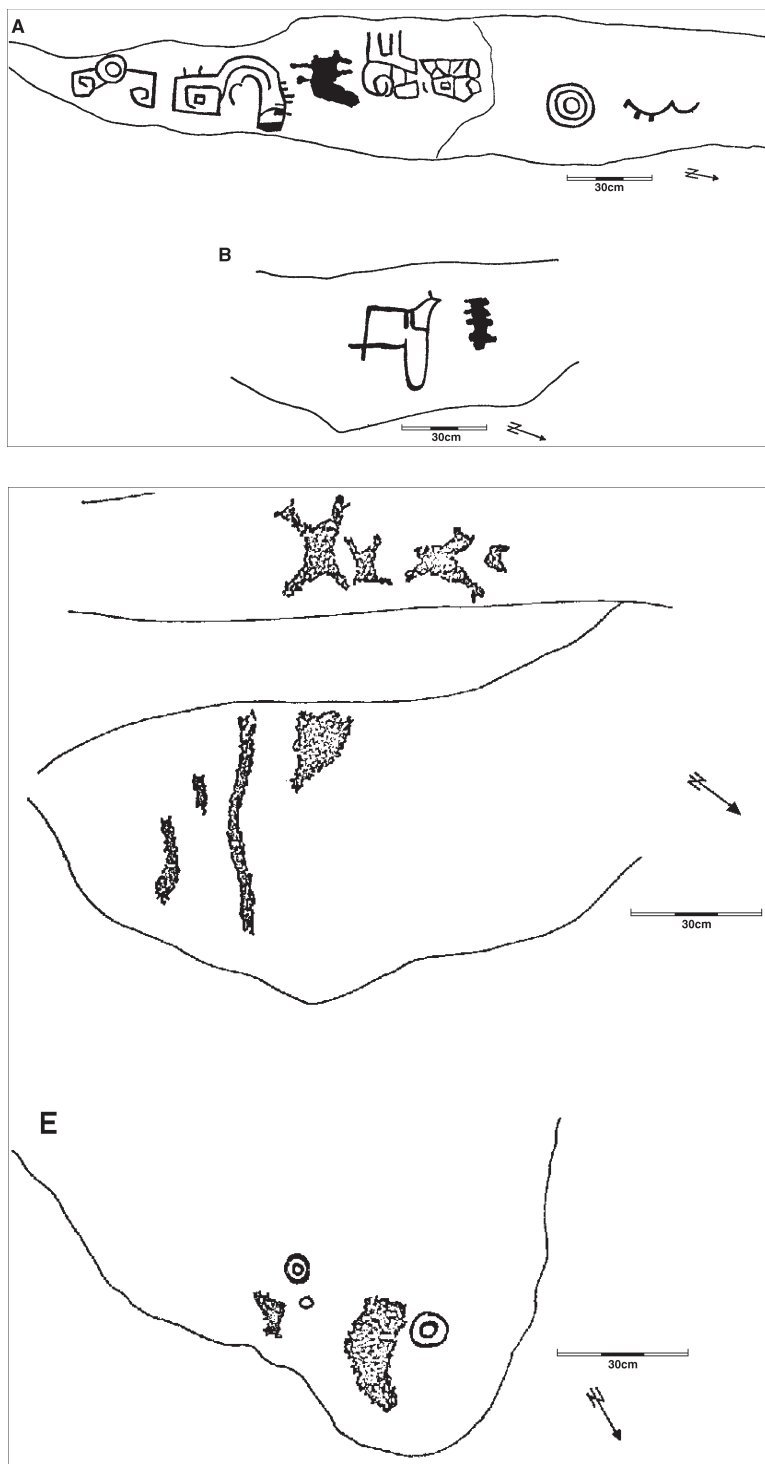


Fig. 4 – Decalque feito por Hilbert e Barreto (1988) para as pinturas da Gruta do Buracão do Laranjal.

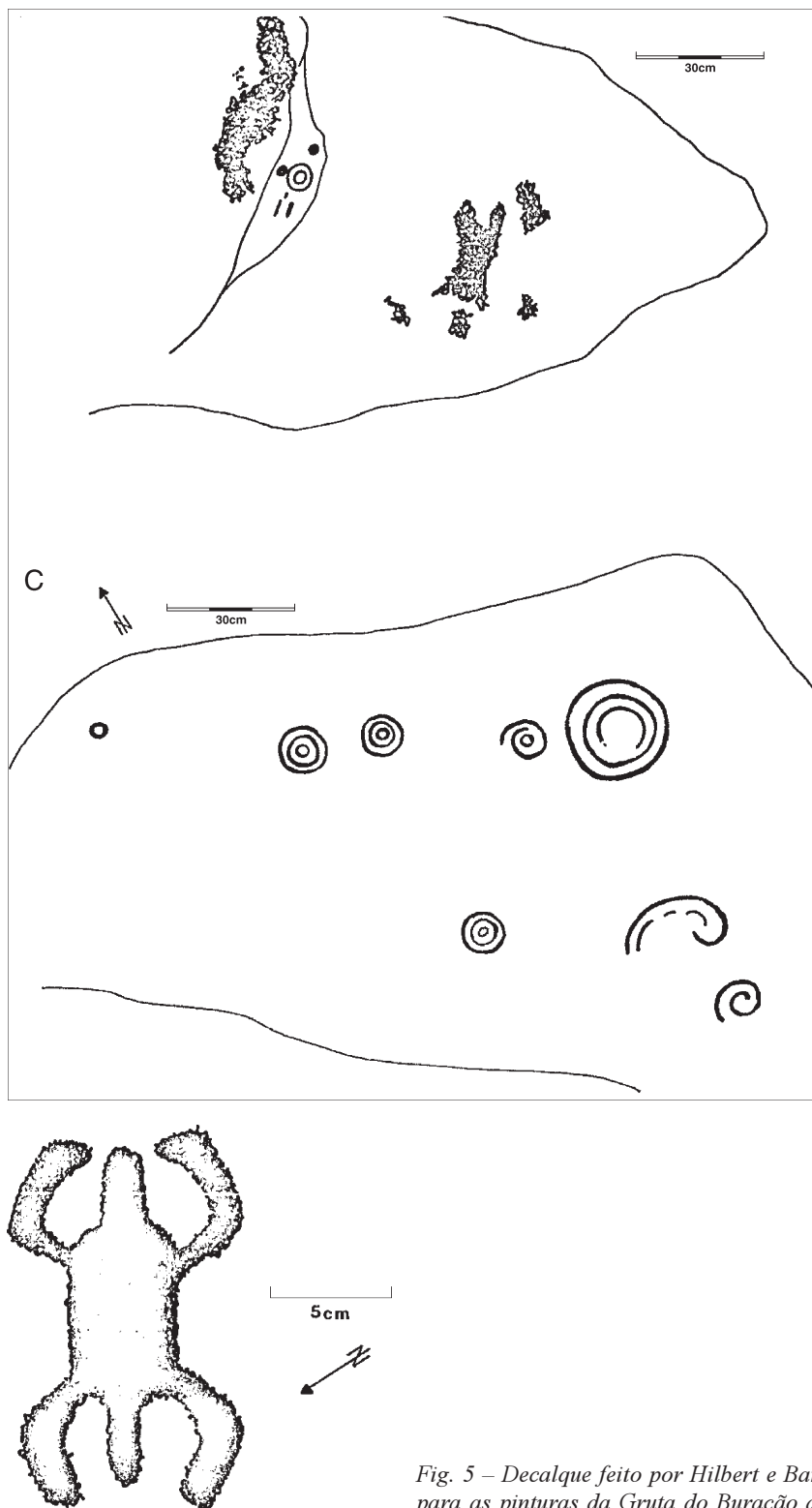


Fig. 5 – Decalque feito por Hilbert e Barreto (1988) para as pinturas da Gruta do Buracão do Laranjal.

dos são, basicamente, grafismos puros (Fig. 6), entre os quais destacam-se os círculos, as espirais e as cruzes. Muitas dessas gravuras são de difícil visualização devido à camada de líquens que se formou na superfície da rocha.

A partir da visita que fiz a este sítio, apresentei ao Iphan uma série de recomendações com vistas a salvar a integridade do sítio, que se encontra ameaçado de destruição pela intempérie, por agentes biológicos e, principalmente, pela ação humana.

Algumas considerações sobre os três sítios

Localização

Os sítios Gruta do Buracão do Laranjal e o Abrigo do Tracua parecem formar parte de um conjunto de abrigos situados em um extenso afloramento arenítico cujo desabamento de lajes propiciou a formação de diversos abrigos, muitos deles favoráveis à moradia. Ao que parece, as pinturas existem em vários desses abrigos, mas apenas nesses dois, até o momento, elas foram registradas.

Tanto Hilbert e Barreto, quanto Chmyz e Sganzerla, afirmam ter visitado o mesmo sítio descrito por Lima Guedes. No entanto, o fato de os primeiros autores não terem registrado em seu relatório a figura mais destacada do complexo, e que é a mesma descrita por Lima Guedes, levou Chmyz e Sganzerla a considerarem que o local registrado por Hilbert e Barreto era outro e não aquele registrado por Lima Guedes e Chmyz e Sganzerla. A conclusão de Chmyz e Sganzerla foi confirmada quando comparei a figura antropomorfa que eles decalcaram no Abrigo do Tracua com aquela descrita por Lima Guedes e apresentada por Emilio Goeldi (Fig. 1) Além disso, Chmyz e Sganzerla observaram a existência de fragmentos cerâmicos no abrigo e Hilbert e Barreto afirmam não tê-los encontrado.

Devido a sua localização – região do igarapé do Lago, rio Maracá – é provável que o sítio visitado por Farabee seja um dos abrigos existentes na mesma formação arenítica visitada por Chmyz e Sganzerla e por Hilbert e Barreto. No entanto, as poucas informações sobre o sítio que foram publicadas por Simões e Araújo Costa (1978: 68) não permitem tecer maiores considerações sobre o sítio.



Fig. 6 – Gravuras rupestres do sítio Pedra do Índio. (Foto: Edithe Pereira)

Conservação

Problemas relacionados à conservação dos sítios em questão foram mencionados por todos os autores. A desagregação da rocha é uma situação comum nos três sítios e os danos que ela tem provocado nas pinturas e gravuras rupestres foram registrados por todos eles (Fig. 7).

Segundo Hilbert e Barreto, o estado de conservação das pinturas da Gruta do Buracão do Laranjal é bastante variado. Algumas figuras bem conservadas permitiram sua identificação e decalque, outras, muito apagadas ou borradas, inviabilizaram o seu registro gráfico.

Sobre a figura antropomorfa localizada no Abrigo do Tracuá, Lima Guedes (1896:46), conforme já mencionado, comenta que “*falta-lhe a perna esquerda que não aparece por se ter desagregado fragmentos de pedra onde estava ella pintada*”. No entanto, no decalque feito por Chmyz e Sganzerla, as duas pernas parecem com o mesmo tamanho, o que leva a supor que, após a visita de Lima Guedes houve nova desagregação da rocha que destruiu parte da outra perna da figura – a perna direita.

Chmyz e Sganzerla (1991: 26) chamam a atenção para o rápido avanço das possibilidades de destruição dos sítios arqueológicos no Amapá. Ressaltam que, em 1988, Hilbert e Barreto consideraram remotas as possibilidades de destruição da Gruta do Buracão do Laranjal, visto que ela se encontrava em local isolado. Porém, em 1991, apenas 500 metros separavam a rodovia BR-156 do Abrigo do Tracuá, que está localizado na mesma formação rochosa que a Gruta do Buracão do Laranjal.

No sítio Pedra do Índio, as figuras mais evidentes têm sido alvo de depredação por parte de curiosos que tentam ressaltar as formas gravadas na rocha riscando o seu interior com as pedras existentes no local (Fig. 8) ou limpando a superfície rochosa (Fig. 9). Há ainda a retirada intencional de pedaços da rocha e a utilização do lajeiro como suporte para grafitar.

Os grafismos rupestres

Os decalques das pinturas rupestres do Abrigo do Tracuá, contidos no relatório de Chmyz e Sganzerla (Fig. 3), aparecem em dois grupos. O primeiro apresenta uma única figura antropomorfa,

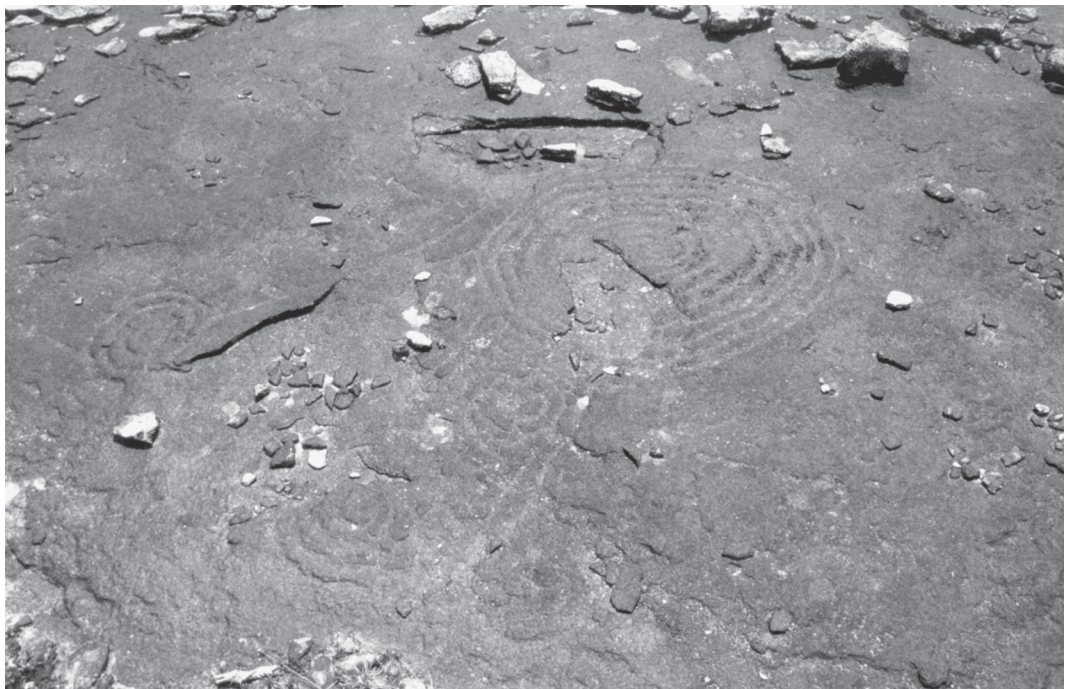


Fig. 7 – A desagregação da rocha vem contribuindo para a destruição das gravuras rupestres do sítio Pedra do Índio. (Foto: Edithe Pereira)



Fig. 8 – Os visitantes riscam o sulco das gravuras da Pedra do Índio com o objetivo de torná-las mais visíveis. (Foto: Edithe Pereira)



Fig. 9 – Para evidenciar algumas gravuras rupestres da Pedra do Índio visitantes limpam a superfície da rocha. (Foto: Edithe Pereira)

representada de maneira frontal, com o contorno da cabeça arredondado; o rosto é indicado pela representação de olhos e boca; os braços aparecem curvados para cima com as mãos indicadas por três dedos; o tronco tem forma ovalada e seu interior está totalmente preenchido por pintura vermelha; as pernas aparecem curvadas para cima. No segundo grupo, observam-se os seguintes grafismos: a) uma representação de cabeça antropomorfa com o rosto indicado pelos olhos e por possíveis adornos faciais; b) um círculo concêntrico; c) um traço vertical; d) dois traços paralelos.

Alguns desses grafismos guardam semelhanças com aqueles existentes na região de Monte Alegre, no Pará. Nessa região, são comuns antropomorfos completos, representados de maneira frontal e com um ou mais elementos faciais, assim como as representações de cabeça com os traços do rosto e adornos faciais. Os círculos, com suas diversas formas de preenchimento, em particular os concêntricos, constituem um dos temas mais representativos da região de Monte Alegre e aparecem, muitas vezes, associados a figuras antropomorfas (Pereira 1996).

Na Gruta do Buracão do Laranjal, Hilbert e Barreto registraram sete grupos de grafismos, todos eles pintados em vermelho. Os grafismos puros ocorrem de forma predominante nesse sítio sendo os círculos concêntricos e as espirais os temas mais recorrentes. Além deles, há ainda diversos outros grafismos puros e áreas borradas com pintura vermelha. Um possível antropomorfo aparece representado claramente em um dos painéis, no entanto, suas características são distintas daquelas encontradas na figura do Abrigo do Tracuá. Hilbert e Barreto (1988) afirmam existir diferentes estilos entre as pinturas deste sítio, porém, tais estilos não são caracterizados.

Existem entre as pinturas rupestres do Amapá, alguns grafismos puros e, principalmente, figuras antropomorfas que são semelhantes àquelas típicas da região de Monte Alegre, no Pará. As semelhanças observadas ainda não sustentam maiores conclusões, mas permitem a construção de hipóteses sobre a dispersão geográfica do estilo identificado por Pereira (1996) como *Monte Alegre*. Esse estilo, que parecia estar restrito à região que lhe deu nome, parece agora ter uma abrangência geográfica maior a partir das semelhanças estilísticas observadas em alguns dos temas que são comuns às duas áreas. No entanto, é preciso conhecer um número maior de sítios na área compreendida entre Monte Alegre

e o sul do Amapá, para que esta hipótese possa, ou não, ser confirmada.

Com relação às gravuras rupestres do sítio Pedra do Índio, estas não se enquadram nas características estabelecidas para a Tradição Amazônia, cujo tema principal é representado por figuras humanas portadoras de certas características específicas, como por exemplo a presença dos traços do rosto, as expressões faciais (Pereira 1996). Sítios relacionados a esta tradição ocorrem no noroeste do Pará e parecem se estender pelo estado do Amazonas, Guianas, Venezuela e Colômbia.

A Pedra do Índio faz parte de um grupo de sítios com gravuras rupestres que não se enquadram na Tradição Amazônia e que, devido às suas características, ainda não foi possível agrupá-los ou inseri-los em outras Tradições (*id. ibid*). O seu registro, no entanto, possibilitará a comparação com novos sítios que porventura venham a ser descobertos na região.

As considerações aqui apresentadas não são e nem poderiam ser conclusivas, visto que elas se baseiam em dados levantados na escassa bibliografia existente e numa rápida observação *in situ* feita pela autora. Por um lado tenta-se, a partir de comparações, verificar que tipo de relação pode existir entre os grafismos rupestres do Amapá e os demais já conhecidos na Amazônia brasileira. Por outro lado, procura-se dirimir dúvidas, como a que se refere ao local das pinturas rupestres registradas por Lima Guedes no final do século XIX, onde se conclui que esse lugar é o atual Abrigo do Tracuá, visitado e documentado por Chmyz e Sganzerla em 1991 e não o sítio Gruta do Buracão do Laranjal, registrado por Hilbert e Barreto, em 1988. Além disso, também soam como um alerta para a rapidez com que o patrimônio arqueológico na Amazônia vem sendo destruído. Trata-se de uma modesta contribuição – cujos créditos divido com Klaus Hilbert, Mauro Barreto, Igor Chmyz e Eliane Sganzerla – para o conhecimento da arte rupestre no norte do Brasil.

Agradecimentos

Agradeço ao Dr. Igor Chmyz e ao Dr. Klaus Hilbert por autorizarem a publicação das informações relativas aos sítios com arte rupestre contidas em seus respectivos relatórios. Este agradecimento é extensivo também a Eliane Maria Sganzerla e a Mauro Viana Barreto.

Referências bibliográficas

- CHMYZ, I.; SGANZERLA, E.M.
1991 Patrimônio Arqueológico da Área da BR 156: Trecho Rio Preto - Laranjal do Jari (Amapá). Relatório Técnico. Curitiba: 1-44. il. não publicados.
- GUEDES, A.P.L.
1898 Relatório sobre uma missão ethnographica e archeológica aos rios Maracá e Anauerá-pucú (Guyana Brasileira), realizada pelo Tenente-Coronel Aureliano Pinto Lima Guedes. Julho a Setembro de 1896. *Boletim do Museu de História Natural e Ethnografia*. Belém, t. 2: 1-43.
- HAGMANN, G. (Phot.)
s/d Cerâmica de índios extintos nos rios Maracá e Anauerá-pucú (Guyana). p&b. 26cmx34cm. Basileia: phototypia Ditisheim, Acervo da CE Museu Paraense Emílio Goeldi. Estampa IX.
- HILBERT, K.; BARRETO, M.V.
1988 Relatório de viagem do projeto arqueológico de levantamento de sítios pré-cerâmicos no rio Maracá-AP. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi: 1-12. il. não publicado.
- PEREIRA, E. S.
1996 Las pinturas y los grabados rupestres del noroeste de Pará - Amazônia - Brasil. Valencia, Tese de Doutorado. Valencia, Universidade de Valência, Departamento de Arqueologia e Pré-história, 2 v., il.
2001 O sítio Pedra do Índio, município de Ferreira Gomes (AP). Relatório. Belém: Museu Emílio Goeldi: 1-18, il. não publicado.
- PROJETO ZONEAMENTO DAS POTENCIALIDADES DOS RECURSOS NATURAIS DA AMAZÔNIA LEGAL
1990 Rio de Janeiro: IBGE/SUDAM: 1-212. il.
- SIMÕES, M.F.; ARAÚJO COSTA, F.
1978 Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, 30: 1-16.

Recebido para publicação em 2 de abril de 2004.